

O Retábulo da Ermida do Desterro de Ponta Delgada



Retábulo de Nossa Senhora do Desterro (madeira dourada e policromada. Século XVIII).

Fundada por João Gonçalves Homem, médico, e dotada por Francisco Nunes Bago e Isabel da Costa Arruda, respetivamente seu irmão e cunhada, a Ermida de Nossa Senhora do Desterro, de Ponta Delgada, foi originalmente levantada em inícios do século XVII. É dedicada ao desterro da Sagrada Família no Egito, mais concretamente um episódio apócrifo que relata o seu retorno a Israel e o encontro que então ocorreu entre os Santos Primos, Jesus e João Baptista, sob o olhar de seus pais.

De facto o retábulo do seu único altar, em baixo relevo e de fina fatura, retrata Jesus, Maria e José, de um lado, e do outro, João Baptista e seus pais, Isabel e Zacarias. Aqueles com a aparência de se acharem em viagem e estes esboçando um ar de espanto pela sua chegada. A composição centra-se em volta da figura de Jesus, que estende a mão a seu primo João, e este, ajoelhado à sua esquerda (na perspetiva do retábulo) esboça o trejeito de a beijar respeitosamente. Organizado em três planos, em primeiro lugar apresenta a cena principal; em segundo, três mulheres que dançam alegremente tocando vários instrumentos, expressando talvez regozijo pela chegada dos viajantes; e, finalmente, ao fundo e à distância, as árvores de uma paisagem e as casas de uma cidade.

Um pormenor curioso destaca no retábulo a figura de Santa Isabel das outras representadas, esta traja à maneira de uma mulher da corte portuguesa de meados do século

XVIII, enquanto as restantes personagens envergam roupagens da época em que a história se passa. O vestido aparenta ser um modelo de duas peças, comum na altura, concebidas no mesmo tecido, talvez seda, aqui estampado com motivos florais e vegetais. A parte superior ostenta corpo justo, com um grande decote oval, e a inferior apresenta saia comprida, franzida nas ancas e aberta na frente, deixando ver a saia de baixo, que é de outra cor mas tem os mesmos motivos decorativos. As mangas são curtas, em forma de pagode e presas no cotovelo. Ao pescoço alardeia uma fiada de pérola, adereço muito em voga no setecentos português. O cabelo, este, está apanhado por uma fita e tocado com flores.

Evocará essa figura Isabel Arruda, que com seu marido Francisco Bago e o cunhado João Homem, foi fundadora do templo. É uma hipótese que aqui colocamos. A acontecer tal não seria caso único, quantas vezes já não o verificamos em outras peças de arte, resultantes de encomendas e doações reais ou particulares. Sabemos que Francisco e Isabel, em testamento lavrado e 24 de Junho de 1637, determinaram ser sepultados na ermida do Desterro, à esquerda do altar, ao lado do cunhado que estava em campa à direita, tendo nela instituído um vínculo com as suas terras e que obrigava os seus herdeiros a lá mandarem rezar duas missas semanais. Para além disso, a sua devoção à Sereníssima Senhora do Desterro, como lhe chamavam, já



Figura de Santa Isabel (detalhe).



Ermida de N.ª S.ª do Desterro (exterior).



Gravura inspirada no retábulo (séc. XVIII/XIX).

os levava, alguns anos antes, em 1620, a dotá-la com uma renda de quinze alqueires de pão de trigo anuais para todo o sempre. Assim, se não foram os próprios Francisco Bago e Isabel Arruda que determinaram a encomenda do retábulo, por certo poderá ter sido um dos herdeiros que beneficiaram do vínculo por eles instituído. Em qualquer dos casos tal justificaria o tratamento diferenciado que a figura de Isabel recebe no retábulo, e que a distingue das restantes personagens, como homenagem a homónima instituidora da ermida.

O estilo em que o retábulo foi concebido aponta para uma feitura já do século XVIII, portanto posterior à instituição da ermida, mas coevo com as obras de beneficiação que

Bago, um curioso nome na Toponímia Micaelense

Francisco Nunes Bago (m.1637), co-educador da Ermida do Desterro, foi influente homem da governação de São Miguel. Licenciado em Leis, exerceu os cargos de Ouvidor do Capitão do Donatário, Secretário da Câmara Municipal de Ponta Delgada, procurador na ilha do Conde da Castanheira e advogado da Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada. Deixou o nome ligado à toponímia local, nomeadamente em Vila Franca, onde Rua da Fonte do Bago, que passa a sul da igreja de São Miguel Arcanjo, evoca ainda a bica popular que fez com os excedentes de água de uma propriedade que ali tinha. O nome Bago também designou em tempos a Canada de Jesus, Maria e José, ao Livramento, assim como a Rua José Maria Raposo de Amaral, em Ponta Delgada, onde o licenciado residiu até morrer. ♦

recebeu nesse século e que lhe deram a sua atual feição. O barroco da primeira metade do setecentos define o modo de fatura do retábulo, as figuras nele delineadas têm belas carnações e são representadas em movimento, vestindo ricos panejamentos policromados, onde a folha de ouro é generosamente usada. Desconhece-se o seu autor, mas acreditamos ser de mão de fora da ilha, de oficina continental portuguesa. A primeira metade do setecentos micaelense foi rica em encomendas de imaginária religiosa para os novos templos que então se construíam ou reconstruíam por toda a ilha; veja-se, como exemplo, o caso da Igreja de N.ª S.ª da Conceição, do antigo convento franciscano de Ponta Delgada, hoje paroquial de São José, e o belíssimo conjunto de imaginária religiosa que os seus altares abrigam, muito possivelmente saído de uma mesma oficina e encomendado para o novo templo, ali erguido a partir de 1709. ♦

PEDRO PASCOAL
 INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA
 pedro_pascoal@hotmail.com

PROMOTOR



Governo dos Açores
 PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
 Direção Regional da Cultura